

## Manifesto por uma Prática Clínica Socialmente Comprometida nas Ciências do Comportamento

### Manifesto for Socially Engaged Clinical Practice in the Behavioral Sciences

Ana Barbara Vieira Sinay Neves<sup>1</sup>, Virgínia Cordeiro Amorim<sup>2</sup>, Aécio Borba<sup>3</sup>, Fabricio de Souza<sup>1</sup>, Jocelaine Silveira<sup>4</sup>, Jonatas Argemi Foster Passos<sup>5</sup>, Laís Nicolodi<sup>6</sup>, Traci Cihon<sup>7</sup>

[1] Universidade Federal da Bahia (UFBA) [2] Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) [3] Universidade Federal do Pará (UFPA) [4] Universidade Federal do Paraná (UFPR) [5] Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) [6] Instituto de Psicologia da USP (IP-USP) [7] Ohio State University | **Título abreviado:** Manifesto Clínica Comportamental e Sociedade | **Endereço para correspondência:** | **Email:** Ana Barbara Vieira Sinay Neves – ab.barbara.ana@gmail.com | **doi:** doi.org/10.18761/vecc117122022

**Resumo:** Neste manifesto defendemos que é dever essencial de cada profissional analista do comportamento e cientista comportamental contextual a elaboração de análises e intervenções que sejam comprometidas com a realidade material e sócio-político-cultural nas quais seus clientes estão inseridos. Embasamos essa defesa no argumento de que considerar o comportamento individual descolado do contexto cultural pode incorrer em análises que invisibilizam certas práticas opressivas e que abrem margem para a perpetuação de violências estruturais e iatrogenia clínica. Neste sentido, afirmamos que, apesar das diversas as iniciativas no cenário nacional e internacional que compreendem a importância de estudos das variáveis culturais no contexto em que terapeuta e cliente se encontram, ainda existe uma lacuna na sistematização da conceituação de casos clínicos, e na operacionalização da inclusão dessas variáveis culturais na análise funcional de cada caso. Portanto, propomos aqui dar início a uma colaboração ampla para desenvolver metodologias de análises e intervenções que incorporem e sistematizem aspectos comportamentais e culturais para uma prática clínica socialmente comprometida. Em seguida, elencamos sugestões de diretrizes gerais para a pesquisa, a formação profissional e a prática clínica socialmente comprometida no campo da atuação profissional, produção científica e treinamento.

**Palavras-chave:** Análise do Comportamento, Behaviorismo, terapia analítico-comportamental, terapias comportamentais contextuais, ciência comportamental contextual, ciência culturo-comportamental, cultura.

**Abstract:** In this manifesto we argue that it is the essential duty of every behavior analyst and contextual behavioral scientist to develop analyses and interventions that are committed to the material and socio-political-cultural reality in which their clients are inserted. We base this defense on the argument that considering individual behavior detached from the cultural context can lead to analyses that make certain oppressive practices invisible and that open space for the perpetuation of structural violence and clinical iatrogenesis. In this sense, we state that, despite the various initiatives on the national and international scene that understand the importance of studying cultural variables in the context in which therapist and client find themselves, there is still a gap in the systematization of the conceptualization of clinical cases, and in the operationalization of the inclusion of these cultural variables in the functional analysis of each case. Therefore, we propose here to initiate a broad collaboration to develop methodologies for analysis and interventions that incorporate and systematize behavioral and cultural aspects for a socially engaged clinical practice. Next, we list suggestions for general guidelines for research, professional training, and socially engaged clinical practice in the field of professional practice, scientific production, and training.

**Keywords:** Behavior Analysis, behavior analytic therapy, Behaviorism, contextual behavioral therapy, contextual behavioral science, culturo-behavior science, culture.

**Nota dos autores:**

Filiação Institucional dos autores: Ana Barbara Vieira Sinay Neves é Professora Substituta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Virgínia Cordeiro Amorim é Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMG), Aécio Borba é Professor adjunto da Faculdade de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento (UFPA), Fabrício de Souza é Professor Associado 3 do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Jocelaine Silveira é Professora Titular na Universidade Federal do Paraná (UFPR), Jonatas Argemi Foster Passos é doutorando pelo PPG Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Laís Nicolodi é Mestra pelo PSE pelo Instituto de Psicologia da USP (IP-USP) e Traci Cihon é Phd. pela Ohio State University

As áreas de atuação de profissionais de psicologia clínica analítico-comportamental e das terapias comportamentais contextuais englobam profissionais que partem de princípios teórico-epistemológicos e éticos baseados na análise do comportamento e que compartilham de um mesmo horizonte clínico: o compromisso com padrões de excelência profissional e social.

Nesse sentido, defendemos que é dever essencial de cada profissional analista do comportamento e cientista comportamental contextual a elaboração de análises e intervenções que sejam comprometidas com a realidade material e sócio-político-cultural nas quais seus clientes estão inseridos. Considerar o comportamento individual descolado do contexto cultural pode incorrer em análises que invisibilizam certas práticas opressivas e que abrem margem para a perpetuação de violências estruturais e iatrogenia clínica.

Desse modo, são diversas as iniciativas no cenário nacional e internacional que compreendem a importância de estudos das variáveis culturais no contexto em que terapeuta e cliente se encontram (Masuda, 2014; Mizael et al., 2021; Pinheiro & Oshiro, 2019; Tagg, 2020; Terry et al., 2010; Vandenberghe, 2008). No entanto, ainda existe uma lacuna na sistematização da conceituação de casos clínicos, e na operacionalização da inclusão dessas variáveis culturais na análise funcional de cada caso, apesar de alguns importantes passos já terem sido dados nesse sentido (Terry et al., 2010).

Em geral, os modelos de conceituação e os relatos de casos clínicos publicados na literatura privilegiam a história de vida individual do cliente, mas deixam de olhar para variáveis culturais que sejam relevantes. Em particular, deixa-se de avaliar práticas sistemáticas que regem violências contra pessoas pertencentes a minorias sociais (e.g., mulheres, pessoas negras, indígenas, imigrantes, migrantes, refugiados, idosos, e, infelizmente, muitos outros) e suas consequências. Evidentemente, o contexto individual e a história de vida de cada cliente são fundamentais para a formulação e conceituação do caso clínico, ainda assim, as análises podem negligenciar variáveis culturais, deixar de lado aspectos importantes que impactam na vida daquela pessoa, sendo incompletas ou mesmo inadequadas. Uma provável consequência dessa negligência é a falta

de eficácia de uma intervenção, ou mesmo a franca iatrogenia (Chu et al., 2016).

Elementos de práticas culturais podem ser relevantes à análise, tanto para compreender a queixa em si, quanto para pensar em contingências de suporte (Andery et al., 2005) que possam favorecer ou limitar mudanças. Podemos apontar, por exemplo, a queixa de uma mulher que se sente sobrecarregada por ter que conciliar sua vida profissional com as demandas constantes oriundas do contexto doméstico (e.g., cuidar dos filhos, limpar a casa, cozinhar, lavar e passar roupas da família). Uma análise individual poderia lidar com seus sentimentos de sobrecarga, construindo habilidades de gerenciamento do tempo; ou mesmo desenvolvendo habilidades sociais para estabelecer uma nova divisão das tarefas domésticas. No entanto, essa análise deve levar em consideração ainda questões típicas de uma sociedade patriarcal, na qual as tentativas dela de dividir as tarefas são punidas (“essa é sua obrigação!”; “quem pariu Mateus que o embale”) enquanto o mesmo comportamento emitido pelo companheiro, ainda que em menor frequência e duração, é reforçado (e.g., “é tão bonito um pai passando tempo com os filhos...”). Da mesma forma, poderíamos destacar o sofrimento de uma pessoa pertencente a grupos LGBTQIA+ em um ambiente extremamente religioso, ou de uma pessoa com deficiência em um ambiente capacitista, e tantas outras possibilidades. Reconhecer essas práticas, compreendendo as implicações e possibilidades de resistência, contra-controle e mudança dentro delas, é essencial (Laurenti, 2019).

Note-se que ao discutir tais aspectos, estamos aqui convidando analistas do comportamento e os profissionais da ciência comportamental contextual que atuam na clínica a incluir mais um aspecto ou nível de seleção em sua formulação, e não a substituição da análise do caso individual por questões culturais. A análise individual e a análise de fenômenos culturais perguntam-se fundamentalmente sobre questões distintas, mas têm uma relação dialética e dinâmica: só é possível a compreensão de práticas culturais compreendendo que elas são constituídas pelo comportamento humano (Fernandes et al., 2017; Skinner, 1953), ao mesmo tempo em que contingências dispostas por uma cultura são relevantes para a compreensão do fe-

nômeno comportamental (Glenn, 2004; Tourinho, 2013). Nas últimas décadas, em especial no Brasil (mas não apenas), tem-se avançado na busca de discussões conceituais, experimentais e aplicadas tanto de avaliar práticas culturais, quanto de incluir essas análises mesmo na prática do analista do comportamento que está envolvido com atividades individuais (Andery, 2011; Biglan, 1995, 2015; Cihon & Mattaini, 2019; Glenn, 2004; Guerin, 2001, 2005; Todorov et al., 2021).

Apesar desse longo histórico do interesse da análise do comportamento por questões sociais e da relevância do ambiente social para o comportamento humano (Glenn, 2004; Guerin, 2001, 2005), há pouca interlocução entre essa literatura e a análise do comportamento clínica. Ainda que seja pouco provável que qualquer profissional em Psicologia questione a relevância da cultura para a seleção do comportamento, é pouco frequente o recurso ao aparato conceitual desenvolvido por analistas do comportamento que fazem parte do movimento chamado Ciência Culturo-Comportamental (CBS<sup>1</sup>; Cihon et al., 2021; Cihon & Mattaini, 2019). Ao mesmo tempo, pesquisadoras e pesquisadores desse campo poucas vezes dedicam-se à análise de como suas discussões podem subsidiar esforços do profissional na prestação de serviços no campo da clínica. Sugerimos aqui que tal interlocução, apesar de ainda incipiente, pode ser frutífera na construção de recursos que beneficiem a prática do analista do comportamento, e por extensão o próprio cliente.

Portanto, à luz da necessidade de que pesquisadores e profissionais das áreas da Cultura e da Prática Clínica em Análise do Comportamento e Ciência Comportamental Contextual tenham uma compreensão mais profunda de seus papéis profissionais, tanto na pesquisa quanto na prática clínica, propomos aqui dar início a uma colaboração ampla para desenvolver metodologias de análises e intervenções que incorporem e sistematizem aspectos comportamentais e culturais para uma prática clínica socialmente comprometida. A seguir, elencamos sugestões de diretrizes gerais para a pesquisa, a formação profissional e a prática clínica socialmente comprometida.

1 A sigla CBS também é utilizada para indicar a Ciência Comportamental Contextual

1. Analistas do Comportamento e Cientistas Comportamentais Contextuais que atuam como Psicólogos(os) Clínicos(os) ou como Professoras(es) e/ou Pesquisadoras(es) sobre Clínica Analítico-Comportamental ou Clínica Comportamental Contextual devem fundamentar sua atuação profissional em práticas que:

- a. Apoiem e promovam os valores embasados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos e pelo Código de Ética do Psicólogo.
- b. Promovam saúde e qualidade de vida para as pessoas nos relacionamentos interpessoais e institucionais, visando a equidade de poder e o respeito mútuo.
- c. Promovam uma visão sobre o comportamento que incluam os aspectos culturais nas formulações de caso e desenvolvimento das estratégias de intervenção.
- d. Promovam condições adequadas de trabalho para as(os) profissionais e diminuição das iniquidades no acesso a oportunidades de formação, desenvolvimento profissional e pesquisa.

2. Os relatos de caso Clínicos em Análise do Comportamento e Ciência Comportamental Contextual devem:

- a. Incluir dados sobre marcadores sociais relevantes como raça, gênero, classe social, deficiência, entre outros, nas descrições de caso clínico.
- b. Analisar o contexto sócio-político-cultural em que a díade terapeuta-cliente está inserida, a partir de uma perspectiva interseccional.

3. A formação profissional (cursos, eventos e supervisões didáticas) em Análise do Comportamento e Ciência Comportamental Contextual voltada para a Prática Clínica devem:

- a. Destacar conceitos relevantes para o estudo da Cultura nas respectivas áreas (preferencialmente utilizando bibliografia específica).
- b. Promover análises de aspectos culturais relevantes para a formulação de caso e desenvolvimento das estratégias de intervenção.

- c. Buscar diminuir as iniquidades no acesso e garantir a representatividade de diversos segmentos da população.
- d. Incluir produções de autores que representem minorias políticas entre as referências utilizadas na formação
- e. Incluir representantes de minorias políticas como palestrantes, professores, supervisores, assim como nos setores decisórios relacionados.

Note-se que as sugestões acima descritas não são exaustivas, e nem suficientes para atingir os objetivos que defendemos - a construção de uma análise do comportamento clínica socialmente consciente e comprometida. O sucesso dessa iniciativa depende de um processo dinâmico, dialético e permanente de trocas entre atores sociais que incluem profissionais da clínica, pesquisadoras(es) dos domínios de produção de conhecimento na análise do comportamento (conceitual, experimental e aplicação) e profissionais que atuam na formação de pessoas dedicadas à prestação de serviços e à pesquisa na análise do comportamento e na ciência comportamental contextual.

Por fim, ainda que as diretrizes aqui apresentadas sejam apenas o início de um processo, defendemos que podem funcionar como catalisadores das mudanças na cultura dos analistas do comportamento que têm como reforçador central a melhoria da qualidade de vida das pessoas para quem prestam serviços. Em especial, por percebermos que essas pessoas - terapeutas e clientes - estão sempre inseridas em um contexto histórico cultural marcado por profundas diferenças sociais, econômicas, e que de forma sistemática dispõe contingências que restringem oportunidades a uma parcela considerável da população. Um ambiente social em que recorrentemente algumas pessoas punem, de forma deliberada, quaisquer respostas de buscar essas oportunidades e alternativas de contracontrole emitidas por aquelas pessoas que têm seus direitos negados. Como discutido por outros autores (Goldiamond, 1974; Holland, 1978), é fundamental que analistas do comportamento reconheçam as contingências nas quais estão inseridos e possam ser parte da solução de problemas sociais.

Convidamos todas (os) as (os) interessadas (os) a se juntarem a essa ação!

## Referências

- Andery, M. A. P. A. (2011). Comportamento e cultura na perspectiva da análise do comportamento. *Perspectivas em análise do comportamento*, 2(2), 203–217.
- Andery, M. A. P. A., Micheletto, N., & Sério, T. M. de A. P. (2005). A análise de fenômenos sociais: Esboçando uma proposta para a identificação de contingências entrelaçadas e metacontingências. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 1(2), Art. 2. <https://doi.org/10.18542/rebac.v1i2.2167>
- Biglan, A. (1995). *Changing cultural practices: A contextualist framework for intervention research*. Context Press.
- Biglan, A. (2015). *The Nurture Effect: How the Science of Human Behavior Can Improve Our Lives and Our World*. New Harbinger Publications.
- Chu, J., Leino, A., Pflum, S., & Sue, S. (2016). A model for the theoretical basis of cultural competency to guide psychotherapy. *Professional Psychology: Research and Practice*, 47(1), 18–29. <https://doi.org/10.1037/pro0000055>
- Cihon, T. M., Borba, A., Benvenuti, M., & Sandaker, I. (2021). Research and Training in Culturo-Behavior Science. *Behavior and Social Issues*, 30(1), 237–275. <https://doi.org/10.1007/s42822-021-00076-w>
- Cihon, T. M., & Mattaini, M. A. (2019). Editorial: Emerging Cultural and Behavioral Systems Science. *Perspectives on Behavior Science*, 42(4), 699–711. <https://doi.org/10.1007/s40614-019-00237-8>
- Fernandes, D. M., Carrara, K., & Zilio, D. (2017). Apontamentos para uma definição comportamentalista de cultura. *Acta Comportamental: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, 25(2), 265–280.
- Glenn, S. S. (2004). Individual behavior, culture, and social change. *The Behavior Analyst*, 27(2), 133–151.
- Goldiamond, I. (1974). Toward a constructional approach to social problems: Ethical and constitutional issues raised by applied behavior analysis.

- sis. *Behaviorism*, 2(1), 1–84.
- Guerin, B. (2001). Individuals as social relationships: 18 ways that acting alone can be thought of as social behavior. *Review of General Psychology*, 5, 406–428. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.5.4.406>
- Guerin, B. (2005). *Handbook of Interventions for Changing People and Communities*. Context Press.
- Holland, J. G. (1978). Behaviorism: Part of the problem or part of the solution. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 11(1), 163–174. <https://doi.org/10.1901/jaba.1978.11-163>
- Laurenti, C. (2019). Prefácio: Por que feminismo na análise do comportamento? Em R. Pinheiro & T. M. Mizael (Orgs.), *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (p. 10–15). Imagine Publicações.
- Masuda, A. (Org.). (2014). *Mindfulness and Acceptance in Multicultural Competency: A Contextual Approach to Sociocultural Diversity in Theory and Practice*. Context Press.
- Mizael, T. M., de Castro, M. S. L. B., & Dittrich, A. (2021). Uma interpretação analítico-comportamental do colorismo e de suas implicações clínicas. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis del Comportamiento*, 29(4), Art. 4. <http://revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/80314>
- Pinheiro, R., & Oshiro, C. K. B. (2019). Variáveis de gênero que terapeutas devem estar atentas no atendimento a mulheres. Em R. Pinheiro & T. M. Mizael (Orgs.), *Debates sobre feminismo e análise do comportamento* (p. 220–243). Imagine Publicações.
- Skinner, B. F. (1953). *Ciência e Comportamento Humano*. Martins Fontes.
- Tagg, R. (2020). ADDRESSING Cultural Complexities. Em B. M. Connors & S. T. Capell (Orgs.), *Multiculturalism and diversity in Applied Behavior Analysis: Bridgin theory and application* (p. 10–31). Routledge.
- Terry, C., Bolling, M. Y., Ruiz, M. R., & Brown, K. (2010). FAP and Feminist Therapies: Confronting Power and Privilege in Therapy. Em *The Practice of Functional Analytic Psychotherapy* (p. 97–122). Springer Science & Business Media.
- Todorov, J. C., Baia, F. H., Freitas-Lemos, R., Borba, A., de Melo, C. M., & Sampaio, A. A. S. (2021). A Brief History of the Behavioral Analysis of Culture in Brazil. *Behavior and Social Issues*, 30(1), 397–427. <https://doi.org/10.1007/s42822-021-00065-z>
- Tourinho, E. Z. (2013). Cultural Consequences and Interlocking Behavioral Contingencies: Selection at the Cultural Level. *Behavior and Philosophy*, 41, 60–69.
- Vandenberghe, L. (2008). Culture-Sensitive Functional Analytic Psychotherapy. *The Behavior Analyst*, 31(1), 67–79.

### Histórico do Artigo

Data do Convite: 12/07/2022

Recebido em: 28/11/2022

Aceito em: 17/12/2022